

Transcrição do Colóquio realizado a 16 de Outubro de 2003

A Insegurança e o Medo nos Imigrantes

Primeiros participantes:

- Dr.^a Rosário Farmhouse – Apoio Jesuíta aos Refugiados
- Padre Rui Pedro – Obra Católica das Migrações Portuguesas

Porquê que a gente os convidou? Estaríamos à espera neste sessão da manhã, também de um representante do SEF, espero que ainda possa vir. Do ACIME disseram-me que... à última da hora, ontem, que estavam indisponíveis para vir. Entretanto, o que acontece é que nós estamos a organizar uma investigação com várias dimensões. Uma delas tem a ver com entrevistas a imigrantes. Nós dividimos em três grupos, brasileiros, os africanos e os de leste. E estávamos a tentar fazer uma série de entrevistas relativamente grande, durante... o trabalho de campo vai durar dois anos, já vamos a meio. E encontramos algumas dificuldades. Para explicar um bocadinho ainda outra coisa, nós em relação a este trabalho, a este workshop, hoje, temos tido indicações de colegas nossos que estão interessados. De resto, convidámos até dois investigadores que estão particularmente habilitados na área da imigração, que é uma área que nós não somos especialistas, mas que gostávamos... mas vamos ter que ser, de alguma maneira, para fazer este trabalho, e eles estão disponíveis para vir, não sei exactamente em que tempo é que eles virão. Outros colegas, provavelmente até colegas da equipe ficaram de vir e não-de vir, provavelmente há problemas de calendário. E há uma situação que foi anunciado que os estudantes iam fechar a faculdade, não é? Então, imagino que as pessoas que vivem mais longe, digam, “Ah, será que eu vou-me levantar para chegar lá e bater com o nariz na porta?”, pode ter sido isso também que tenha ajudado à desmobilização. De qualquer maneira para nós era importante era mais o vosso testemunho que gostávamos de gravar para fazer parte do nosso *corpus* de análise, do que propriamente... enfim, e da discussão que pudesse surgir daí, da luz, digamos assim, que pudesse sair da discussão. E o nosso problema... eu passei-vos um textinho, provavelmente leram, não sei se preferem... se querem ter tenho ali cópias para... se quiserem. (APD)

Não, tenho aqui (RF)

O.k. Portanto, a ideia... o nosso problema é quase prático, não é? Quer dizer, nós lemos nos livros e enfim, praticamos noutras investigações, uma coisa que se chama a Bola de Neve. Aqui não funciona. Aqui não funciona. E é surpreendente. E pensámos às duas por três que eram problemas nossos, que teríamos algum defeito de alguma coisa. Depois, vamos verificar colegas nossos a fazer trabalhos do mesmo género têm exactamente o mesmo tipo de problemas. Uma das coisas que verificámos mais recentemente... nós começámos por evitar ter acesso aos imigrantes por via de instituições. Porque achávamos que era seleccionar sectores dos imigrantes e apresentarmo-nos de uma maneira concreta que nem sequer conheceríamos e preferia-mos fazê-lo em abstracto. Uma das coisas que verificámos recentemente é que exactamente é que através de determinadas instituições é muito mais fácil o contacto, agora também gostaríamos depois de ver em termos de resultados, se houve... se a gente pode identificar algum enviesamento, como a gente diz, não é? Portanto, algum tipo de opiniões que são específicas daquele grupo por diferença dos outros. Seja como for, o grande problema é este: nós temos uma população que entrevistámos que... nós não pretendemos nenhuma representatividade, mas de qualquer maneira é certamente enviesada. São pessoas que aceitaram falar connosco. O que é... não digo raro, não digo raro, mas é... tem algum grau de dificuldade. E a questão que hoje gostávamos de poder ver clarificada dentro do possível, naturalmente, é, qual é a diferença entre esta população e a outra que não fala connosco, que se recusa a falar connosco. A questão, muito prática, é esta. Como é que a gente podia fazer? Eu estaria à espera que ... têm aí algumas coisas para fazer uma banquinha, é?

Tinha se houvesse uma possibilidade disso, se não, não vale a pena. Trouxe uns livros...(RF)

Há, nós podemos pôr... quer dizer, podemos pôr lá fora... aqui, por acaso não é um sítio de grande passagem, é um sítio até muito abrigado...

Pronto, senão levo de volta, não há problema, eu... eu.... (RF)

Podemos pôr, podemos pôr já ali.

(conversa sobre a arrumação dos panfletos e livros entre RF e o Padre)

Pois eu tenho tido imensos contactos com várias faculdades que estão a fazer pesquisa. E têm chegado à conclusão de que realmente a única forma de conseguir tem sido um pouco através das instituições. A nossa instituição tem sentido alvo, entre outras, de vários inquéritos. E a única forma de conseguirem realmente é primeiro, com eu ou alguém da instituição ir com a pessoa ao início falar a quem lá está. Depois, já sabe, enfim, conforme vão entrando, como já estão a conhecer e já têm um grau de confiança com a instituição bastante grande, vão dando a resposta. A população de leste, que é maior parte da nossa população, portanto, eventualmente teria depois que procurar outros sítios para encontrar outro tipo de população (RF)

Claro. (APD)

Quer os brasileiros, quer os africanos. Os imigrantes de leste são por natureza, por razões culturais e sociais extremamente desconfiados. E não tem só a ver com a questão da ilegalidade. Tem a ver com uma questão de sobrevivência no passado. Não podem dizer mais do que aquilo... uma palavra a mais pode significar a morte. Têm uma mentalidade muito, muito, muito, muito fechada. No início dos nossos trabalhos, vimos que era complicado. Um exemplo muito concreto, mas muito português, havia um período que dávamos uma refeição, porque as pessoas vinham tarde e não comiam e percebemos que havia ali falta de alimentação. E nos primeiros ninguém tocava na comida. Nós não percebíamos porque e perguntávamos, “Será que aquilo está estragado? Ou será que estão a desconfiar que nós estamos a envenená-los? Mas porquê que eles não comem?”. Depois, percebemos: primeiro não dissemos que era gratuito, segundo que era uma questão de respeito, que achavam que ao comer davam a entender que estavam com fome, que estavam fracos e como eles queriam parecer que estavam bem, que estava tudo sobre controle tinham vergonha de pedir. Até que tivemos que comer com eles e começar a comer e, “Olha, estou cheia de fome”, fazer um pouco também...para tentar desanuviar o ambiente e a partir daí todos comiam e comiam tudo e se mais tivéssemos mais comiam. É uma relação que se vai conquistando. E neste tipo de inquéritos eles têm um pânico de responder a inquéritos. Primeiro, não gostam! Acham logo, “Isto se calhar... depois, mais tarde, virem procurar por alguma coisa”, têm um medo enorme. Mesmo os legais, mesmo os que estão completamente integrados,

detestam que se diga, “Olha, aquele senhor também é do mesmo país e veio da mesma cidade...”, isso é tudo... é...(RF)

Qualquer forma de identificação... (APD)

Qualquer forma de identificação é grave. Eles detestam isso. E já me tem acontecido, até com dois médicos do mesmo país e da mesma universidade embora de anos diferentes, sentarem-se à minha frente e não se falavam. (RF)

Da mesma universidade de onde vieram? De origem? (APD)

Da mesma universidade, de onde vieram. (RF)

De origem. (APD)

“ (nome da pessoa) Sabe que este seu colega tirou o curso na mesma faculdade em (nome da cidade)?”, nada. Foi preciso estar ali um bocado, “Olhe, mas sabe que são da mesma cidade?”. Não... não. Só passado um bom bocado e se eu sair dali é que eles eventualmente começam a falar. E mesmo assim, mesmo assim, não gostam muito de confianças. Portanto, é uma relação que se tem de ir conquistando. Ao nível do inquérito eu também não... compreendo perfeitamente as vossas dificuldades. Na rua, se tiver algum sucesso é mesmo uma grande sorte. Quem respondeu... foi uma sorte, porque eles não respondem na rua. Eles não estão para perceber o português, não percebem, têm medo. E se respondem ou é porque estão em grupo, não sei se eles estavam sozinhos, aqueles que conseguiram só mesmo lá (incompreensão). Uma pessoa em grupo sentem as costas quentes, e há um que responde porque é mais lançado então os outros vão atrás, senão muito dificilmente conseguem que eles... (RF)

E o que é... falou-me que eles precisam de ter uma relação de confiança com as pessoas, por exemplo, a propósito da refeição ou a propósito da identificação do sítio de origem. Portanto, falou-me de uma técnica, enfim, há maneiras à portuguesa, não é, de a gente se tornar afectivo e...(APD)

Exacto. (RF)

De pressionar através do afecto, portanto, e eles têm um comportamento diferente do nosso do ponto de vista cultural, do ponto de vista... enfim, que tem a ver...(APD)

Com toda a sua história. (RF)

Com toda a história e com todas as técnicas de autodefesa e... (APD)

Sem dúvida alguma. (RF)

Quando é ultrapassada essa barreira da confiança, há um comportamento diferente que se revela? Ou não? O que é que é confiança? (APD)

Pois, a confiança é limitada. Há um conhecimento que se revela mas sempre a cinquenta por cento. Os portugueses quando têm confiança contam a vida toda e os pormenores todos e tudo e mais alguma coisa, eles não. Fica sempre uma parte que não se sabe. Há sempre uma parte escondida, para guardar. E não se diz a ninguém. O facto mais pessoal, da sua vida pessoal, o facto que possa ter de haver... mesmo com moradas e isso eles não gostam. Nós na nossa ficha de atendimento perguntamos a morada...(RF)

A morada aqui? (APD)

A morada cá em Portugal. Perguntamos, “Nome, morada?”. Eles não dizem morada. Nós já só perguntamos, “Aqui em Lisboa? Freguesia?”, só para ter uma noção de onde é que vivem. Portanto, começa, “Ai, não sei bem. Só sei que é numa rua em Lisboa, mas não sei bem”. Quando diz que “Não sabe bem”, portanto, percebo que eles não querem dizer. E nem pode ter a ver com a ilegalidade. De facto, a ilegalidade o susto é maior e o medo é muito mais, têm medo que possa haver um contacto, uma perseguição, quando estão ainda com o pagamento da dívida para pagar, têm medo que a máfia vá atrás deles. Mas, por natureza, só com uma relação de continuidade e de afectividade é que se consegue chegar. (RF)

Mas pelo que me está a dizer, também tem a ver com certas funcionalidades? Ou seja, desde o momento que eles identificam o vosso serviço com determinado tipo de serviços específicos...(APD)

Exactamente. (RF)

É em função disso que eles esperam retribuição e reservam-se em relação ao resto. (APD)

Depois quando já há uma relação mais profunda, de muitos anos de convívio até já começam a convidar para ir lá a casa, porque o filho faz anos ou porque é Natal ou porque é a Páscoa. Aí já começa a entrar, mas é passado muitos... (RF)

Muitos meses. (APD)

Muitos...(RF)

Anos. (APD)

Muitos imigrantes são anos, sim. Agora, há uns, de facto, que se integram melhores do que outros. Mas na generalidade é muito complicado. São muito reservados. Nós tínhamos, antigamente, um Padre tentou por vários vezes ir visitá-los e nunca (incompreensão de uma palavra), “Eu queria ir como amigo. Ah, mas eu gostava de conversar um bocadinho com eles, eles estão tão sozinhos”, ninguém queria. Porque eles ficam muito assustados. Eles acham que os portugueses são um bocado acelerados demais para eles. Atiradiços. Então, é engraçado, porque nós... (RF)

Não conhecem os brasileiros. (APD)

Nós somos um bocadinho melgas e eles sentem-se com dificuldade em lidar (incompreensão). Nós somos muito do toque, a falar.

Do toque e a esfregar. Estás boa? (Padre)

(risos) Também. Esfregar as costas. Eles ficam um bocado... eu tive um caso engraçado de uma pessoa, um senhor que estava na fase terminal de cancro e precisava de uma pessoa para o ajudar em casa. E era um senhor casado, com família, ele era médico. E foi ele falar com a candidata, coitado, esse senhor era amoroso, simpático, educadíssimo e disse, “Não tenha problemas, porque está lá a minha família, ajuda-a, com o português e não sei quê”. Quando ele se foi embora ela veio-me perguntar o que é que ele queria na verdade. Se era mesmo empregada ou se era outra coisa. Porque ele passou o tempo.... era na pura conversa, não foi nada, nada de especial para mim. Realmente às vezes podia estar a pensar, porque as eslavas são muito bonitas, mas não era, não era o caso. E ela ficou logo a pensar e disse logo, “Eu não vou para aquela casa. Porque eu não gostei do senhor”, “Mas porquê? Então era tão simpático, tão...”, “Não, não gostei. O que é que ele queria?”, “Precisa de uma pessoa que o ajude porque ele já está acamado, está numa fase terminal e precisa que lhe dêem uma ajuda”, “Ah”, não achou lá muito bem a forma de ele a olhar. Depois, passado um tempo acabou por ir e correu bem. Mas no início ficam logo muito receosos.

Pois. (APD)

Portanto, é por continuidade que lá vão. O que é que nós temos feito com os outros colegas? Apresentamos e depois como nós temos dias de maior movimento, dizemos para nos dias de maior movimento para estarem lá. De manhã à tarde, de manhã até ao fim do dia. E depois todos os que aparecem nós...(RF)

Para fazer algum.... (APD)

“Vai ter que ir ali dar uma resposta. Vá lá ajudar. Estão lá uns estudantes, estão a precisar....”, e eles já vão. Claro que isto, as coisas custam...(incompreensão) depois começam... máfias, isso não se pergunta... pensam logo que querem sacar... que eles ficam logo...

Eu gostaria de dizer uma coisa: por exemplo, é importante os lugares, de facto. Isto é, já dissemos que talvez chegar até eles assim de modo anónimo, mostrar-se como dizem pode ser difícil e de facto, neste momento é, com os do leste, talvez, mais do que com os outros. Também estão numa situação de emergência, recente. Os africanos, enfim,

talvez seja um bocadinho mais fácil. Se vai num bairro, por exemplo, onde há já uma certa estabilidade, onde há uma ligação. Os brasileiros, também, ainda... este novo fluxo que chegou agora também é difícil, um bocadinho, de penetrar, porque está muito marcado pela ilegalidade. No entanto, por exemplo, a importância das instituições é de facto a ter em conta. Um dos estudos que fez o Alto Comissariado, primeiro, sobre o...(Padre)

O impacto de imigrantes... (RF)

Não, não. O inquérito foi feito no SEF, é isso que eu quero dizer. Não sabiam onde ir, o estudo tinha que ser feito, queria-se ver... então, como as pessoas estavam no SEF, à espera, com a senha, à espera (risos) (Padre)

Era um bom tempo. (APD)

Então, há dados que estão viciados. Mas fortemente viciados. Nós criticámos na altura, enfim, com todo o respeito de quem está no terreno, que de facto... perguntas tipo, “Veio com Máfias, não veio com Máfias? É violento?”... então, ele está no SEF, está a ver se lhe dão a permanência, é o que ele quer, ele quer que lhe dêem o papel, ele não vai responder a isso. Lógico. De facto esse capítulo é de rasgar o estudo e mandar fora e mais tarde.... agora, o ir até eles através de pessoas se calhar para algumas dessas etnias, nesta fase, se calhar é o único modo de ir. Porque, mesmo connosco é difícil. É difícil (incompreensão). Portanto, de facto, esta confiança, também nós que somos procurados, porque eles também querem um serviço. E por isso se abrem, como é alguns deles. Nós entramos em tantas histórias porque eles querem trabalho ou querem alojamento e nós temos que fazer a entrevista, por uma questão existencial, sabendo que são histórias transgressivas todas elas. De um modo ou de outro são transgressivas, enfim, o modo como se vêm, etc... ou algumas delas, que é as que mais nos emociona, cheias de sofrimento em que às vezes somos os únicos a quem eles recorrem porque o patrão não pagou, foi posto na rua da pensão onde estava ou porque zangou-se com um colega que estava a dormir no quarto ou não sei quê. Portanto, este aspecto é um aspecto que nós temos bastante vantagem porque ao fim ao cabo eles vêm ter connosco não só... com uma confiança de que vão ter auxílio. Uma escuta psicológica... (Padre)

Sim, é mais isso. Muitas vezes é mais o... ter alguém que os oiça. (RF)

Uma escuta psicológica, desabafar... falam com quem? Falam com quem, não é? Mesmo entre eles às vezes.... acontece com os nossos portugueses no estrangeiro. Portanto, os nossos portugueses no estrangeiro não gostam de trabalhar com portugueses. Depois de uma fase inicial em que é um português que dá trabalho... eu conheço casos e dizem-me, “Eu quero estar longe dos portugueses”, porque o ambiente entre eles é de muita inveja. Porque vêm todos de baixo, é a tal coisa, não é, conhecem-se um bocado cá. Um outro aspecto que eu queria dizer, é de facto que sendo pessoas que vão fazer inquéritos de rua, portanto eu de facto admiro isso, eu não sei quantos é que conseguiram. Quantos é que conseguiram? (Padre)

Temos já uns quarenta, não é? Não, sessenta. (APD)

Sessenta e seis. (Rita)

Quarenta, talvez. (Padre)

Inquéritos duplos, inquéritos duplos. (APD)

Duplos. (Padre)

Nós fazemos uma e depois insistimos sempre uma semana depois, exactamente porque esse aspecto da confiança já nos parecia interessante à partida. (APD)

E a dupla aconteceu com os quarenta que foram os primeiros ou houve alguns que não responderam? (Padre)

Houve... (APD)

Houve algumas que desistiram. (Rita)

Mas muito poucas, mas muito poucas. (APD)

*Mas esses quarenta, isso é uma selecção de quê, de duzentos? De mais, de negas?
(Padre)*

De negas? (APD)

De negas. (Padre)

Isso não registámos propriamente as negas, não é, portanto...(APD)

Mas parece que na rua... (Padre)

Estar na rua é estar nos sítios onde eles estão e essencialmente... (RF)

Pois. Cafés... (APD)

Exacto. (RF)

Através de pessoas que têm serventes... (APD)

Conhecimentos. (Rita)

Identificados. (Padre)

Trabalhos. (APD)

Identificados, não é? Claramente que este tipo de entrevista é diferente da nossa. É uma entrevista com um fim científico, não é, que tenta explicar bem o porquê, não é, "Porquê?". Foram feitos em português, imagino eu? (Padre)

Claro. (APD)

Em português. Portanto, o vosso tipo de trabalho e de facto eu estou contente, cada vez mais o mundo académico está a voltar-se para esta questão da imigração, que para nós

é muito importante, porque nós temos uma percepção do fenómeno, mas não temos nem tempo nem cabeça para dirigir... a nossa é a parte humana, que sobrou. Mas, é muito importante porque é um fenómeno que neste momento é preciso também dar o rosto e ter estatísticas e saber o que é que se passa para que também haja políticas capazes e políticas adequadas à questão. Porque nós, neste momento sentimos, mesmo a nível de algumas afirmações quer políticas quer partidárias quer... estamos a sentir, há um mau estar. As pessoas também não se abrem mais um bocadinho porque já começam a não confiar em ninguém... e se descobrem que as nossas organizações¹, não é, têm ligações, enfim, com outras coisas, estamos mesmo feitos, não é? Porque ao fim ao cabo, para muitos deles o espaço deles, o nosso ou outros, são os únicos lugares depois de tanta coisa que aconteceu, onde ainda vêm. Onde ainda vêm. E não temos resposta, quer dizer... (Padre)

Está a dizer, por exemplo, o que é que eles fazem ao fim-de-semana? (APD)

Trabalham. (Padre)

Alguns trabalham ao fim-de-semana. (RF)

Alguns trabalham. (Padre)

As estatísticas que eu vi anteontem no²... falava em trabalho de dez horas, mas não eram assim tantos, quer dizer... (APD)

Pois...(RF)

Não sei se as estatísticas depois falham em relação à realidade. (APD)

Eles, por vezes, também tentam não dizer tudo porque têm medo, porque estão a trabalhar, as horas extras, não sei quê, têm medo que vá o Sindicato... (RF)

¹ Refere-se ao Serviço Jesuíta para os Refugiados e à Obra Católica das Migrações – os dois intervenientes presentes.

² Referente a um colóquio realizado na Gulbenkian sobre a Imigração.

Exactamente. (APD)

Depois vê que eles estão... podem omitir. Mas todos eles tentam ter trabalho de segunda a Domingo. Temos imensos casos de pessoas que vão lá pedir para arranjar trabalho para o Domingo. Um trabalho de part-time. Numa primeira fase, não é? Porque é a fase de pagar as dívidas e começar a mandar dinheiro. Noutra fase, já começam a querer um dia ou dois por semana para descansar. E quando vem a família, querem ter algum tempo. São extremamente, ao nível dos de leste, são muito individualistas. O fim-de-semana dificilmente vão para um sítio onde estão outros colegas, outros imigrantes. Cada um por si. Eu tenho imensos casos de pessoas...(RF)

Mas que tipo de actividades, que tipo de actividades? (APD)

Eles vão... (RF)

Vão passear? (APD)

Gostam de passear, sim. Vão passear... (RF)

Vão ver a paisagem? (APD)

Gostam de museus, gostam de bailado, gostam de música... Mas fazem trabalho muito entre família. Muito pouco... muito pouco...(RF)

A maior parte está sozinho. (APD)

Já começo a sentir que já não é tanto assim. (RF)

Do Leste? Não é? (Padre)

Estamos agora a falar do leste. (RF)

Estamos a falar do leste. (APD)

Sim, porque os africanos (incompreensão de uma palavra) (RF)

Exactamente. (APD)

Esta questão de fluxo, também...(RF)

Vem muitas mulheres também. (APD)

Vem muitas mulheres. (RF)

Enfim, não sei se são deles, mas... (APD)

Mas... não, não, não, não, não. (RF)

Não sei se conjugam em casais. (APD)

Não. (RF)

É mais isolados, não é? (APD)

É mais isolado. (RF)

Mas vêm mais casais, por ano. Casados e velhos. Vêm casais. (Padre)

Agora estão a aumentar, agora estão a aumentar. (RF)

Vêm casais, sobretudo vêm casais. (Padre)

(incompreensão) Do leste vieram os homens, agora já estão na fase em que já estão cá a alguns... vieram mulheres do leste também, depois vieram as mulheres dos homens, alguns já têm os filhos. (RF)

Há muitos. (Rita)

Alguns. (RF)

Já há bebés a nascerem cá. (Rita)

E bebés a nascerem cá também. Mas os que conseguem trazer os filhos de lá, já... (RF)

Mas o que quer dizer se em noventa e um foi o grande boom de leste, estamos a falar de leste... (APD)

Dois mil e um. (RF)

Dois mil e um, desculpe, se foi o grande boom, significa que essa gente, esse grande boom está mais inacessível à nossa observação do que aqueles que chegaram antes. (APD)

Sim. (RF)

Ou pela língua... (APD)

Sem dúvida. (RF)

Pelo... (APD)

A importância do questionário ser traduzido também é grande. (RF)

Pois, nós não tivemos essa possibilidade. (APD)

Mas mesmo aí, nós já tivemos...(Padre)

Aí já há o risco de... (RF)

Com o russo e o ucraniano. Nós fizemos alguns anúncios para missas, temos cá oito padres ucranianos, e na nossa, enfim, inexperiência, não é, nós agora (risos) romeno, moldavo, enfim, senão é preciso uma folha A4 daquelas... então, fazemos em russo.

Portanto, é a língua do Império, é a língua, não sei quê... mas de facto é, mesmo aí eles dizem, “Até aqui os russos estão por detrás”. Estão a dominar isto tudo. (Padre)

Pois. (APD)

Os ucranianos têm de facto um certo pó. Mesmo em nível das línguas entre.... não sei se estive na Gulbenkian, esteve na Gulbenkian? (Padre)

Estive, estive. (APD)

De facto aquele inquérito da Dr.^a Lucinda... ou foi da Maria (incompreensão do apelido) que optaram pelas línguas, não é? (Padre)

Sim, sim. (APD)

Em relação ao russo e ao... (Padre)

Ucraniano. (APD)

Ucraniano. E que, pronto, deixou na penumbra toda uma série de... (Padre)

Claro. (APD)

Portanto, estas opções linguísticas, (incompreensão) também condicionam, não é? Mas o estar traduzido ou haver alguém que de facto fala... que uma pessoa, também, para se exprimir é muito mais fácil, pode facilitar um bocadinho também os inquéritos. Nós também não temos estas polivalências... (Padre)

Nós temos no nosso serviço temos...(RF)

Que eles têm. (Padre)

Uma médica que fala russo e que tem outros trabalhos a fazer, mas quando é necessário, pelo menos no início, ela ajuda, para perceber bem o que falam, para perceber bem

quem é a pessoa. Porque nós, no nosso serviço temos tudo em português-russo-inglês.
(incompreensão) (RF)

Mas vocês recebem mais noventa e um, as pessoas que chegaram de dois mil e um para a frente ou dois mil e um para trás? (APD)

Dois mil e um para a frente. (RF)

**Dois mil e um para a frente. São os mais recentes. São aqueles mais recentes.
(APD)**

Mesmo o nosso serviço teve um grande boom a partir de dois mil... (RF)

Nós temos mais africanos, por exemplo. Nós também...(Padre)

Vocês é um bocadinho mais para trás. (RF)

Consultámos um bocadinho entre nós de modo a que a nível de estruturas, para não ser todo no mesmo... canalizámos o fluxo do leste para eles, permitiu-nos obviamente bastante organização e nós ficámos, como diz aqui, com os velhos, com os velhos imigrantes, a velha... ficámos com esta... que são casos sociais que se arrastam à bastante tempo, enfim, e que já ninguém mais se interessa por eles, porque não são novidade. Os brasileiros também, visto que tem crescido muito uma organização em Lisboa que é a Casa do Brasil, de facto que permite múltiplos serviços. Nós também alguns acompanhamos ou então aqueles que lá não encontram auxílio vêm ter connosco, mas estamos mais voltados para africanos e brasileiros, porque de facto, temos esta organização da Igreja que se especializou, digamos assim, nós... eu cheguei a fazer atendimento de russos... enfim, um drama. É um drama. A gente pode, enfim, é um drama social. Naquela fase de início, agora muitos já falam, etc, então o tipo de estrutura é muito bem. Eles criaram um trabalho, a parte médica, psicológica, etc, de facto permite uma pessoa, enfim, ser acompanhada... (Padre)

Eles ali têm vários tipos de resposta. (RF)

Podem ser acompanhadas a vários níveis. (Padre)

À partida uma pessoa vai lá não só para um, mas acaba por passar por várias como já conhecem a instituição... (RF)

Pois, instituição e também depois há as pessoas, portanto, também suponhamos que... para nós portugueses é a mesma coisa, eu não conheço ninguém que goste do presente, do momento inicial, não é, não vamos agora exagerar pensando que o imigrante está ali disponível, imediatamente para nos responder a um inquérito. (Padre)

Claro, tem que haver... (RF)

Mas contudo, nós a nível dos africanos, portanto, há instituições, algumas paróquias e também o (nome do padre) que é o Capelão de... portanto, através desta pessoa e de pessoas que ele possa indicar que não são então só associações, mas é uma líder de bairro, por exemplo, etc, penso que se poderá... cá está, não tanto em abstracto mas o afectivo é muito importante sobretudo porque falar da minha vida e falar... não sei que tipo de questionário é que é, mas... porque aqui está ligado um bocado aos presos, não é, às prisões. (Padre)

Nós não falamos, falamos em Justiça, nós falamos em justiça (APD)

Em Justiça. (Padre)

O nosso objectivo há-de ser as prisões mas é mediato. (APD)

E o senhor vai falar com pessoas injustiçadas desde que chegaram, não é, injustiçadas, a todos os níveis, desde que chegaram. Portanto, falar disso para eles é mexer nesta história transgressiva que eles viveram. Alguns eventualmente a superaram e falam dela e outros ou porque não acreditam mais nisto, porque houve imensos que se desenrascaram e sobretudo... ou então de facto, abrem-se com estes medos que falou, e muito bem, não é, “É uma universidade, para aqui, para acolá, quer falar disto”, isto, é verdade que é anónimo, mas para muitos deles, mesmo dos africanos é mexer em sofrimentos muito grandes. Por exemplo, porque é uma comunidade de facto, que foi

guetizada no passado, ainda hoje é, onde se habituaram a sobreviver entre eles, quer a nível do mercado de trabalho, a nível da habitação, não esqueçam os bairros, que são uns autênticos guetos (incompreensão) onde de facto há muita cumplicidade e onde há um património que é sigilado, que em muitos sentidos, há um património de famílias e de outras coisas, que é conhecido... que é o gueto, não é? Não é? “Aqui só entramos nós”, não é? Há informações que são reservadas à própria... eu sinto às vezes isso. Eu frequento as famílias africanas, dou-me muito bem, por exemplo, é mais fácil uma religiosa entrar numa casa africana que um Padre. Que ela não tem o peso institucional e ela é mulher. O Padre não. O Padre é a instituição, não é? Com tudo o que tem o Padre na cultura africana, etc e tal, muito respeito por eles... mas a nível da abertura abrem-se mais com uma mulher, uma freira, por exemplo, mesmo que vá com hábito, a “Irmãzinha”, como eles dizem e esta mulher entra na história destas mulheres, os homens um pouco menos, mas mesmo dos homens ela entra, porque o africano, não se esqueçam, que a grande figura da cultura africana é a mulher, não é, é a mulher, que é uma história de sofrimento enorme, e portanto isto é, a nível dos bairros, que também não são instituições mas são ao fim e ao cabo, não é? Porque associações cabo-verdianas há muitas, africanas, é uma coisa enorme, portanto, associações africanas, enfim, não tem fim. Porque há o (nome de instituição) e não sei mais quê... enfim, há esta fragmentação, porém há também esta instituição que é o bairro, que ainda existe hoje, que é um lugar onde as pessoas estão e onde, quem sabe, através, cá está, de alguém...(Padre)

Vai ser através de alguém. (RF)

Estudante, alguém...(Padre)

De alguém. (RF)

Que se pode entrar no bairro, não é? Eu próprio às vezes preciso que alguém me apresente a uma família. Eu vou tomar café e se é Domingo à tarde, então encontro dez na casa deles. Que nos africanos está a casa cheia ao Domingo, com os timorenses também. Então, eu vou lá Domingo à tarde e está cheia a casa. Um foi visitar o outro, para aqui para acolá, depois improvisa-se ali uma cachupa, janta-se... Os brasileiros estamos a ter mais dificuldades. Este fluxo... o primeiro fluxo não conseguimos

penetrar, que era muito qualificado e tal, muito qualificado. Então, quando ia à Casa do Brasil à uns anos atrás, eu sentia-me até mal, porque enfim, tento-me não identificar com elites imigratória, mas fui há dias, há dias não, já há umas semanas à tomada de posse do novo Cônsul, ou seja, senti-me mal, para ser franco. Porque não é o meu ambiente, não é, então, estava o outro que é o alfaiate ali do Chiado, lá o... enfim... o Armando... (Padre)

Um estilista. (APD)

Diga? (Padre)

Um estilista, não é? (APD)

Um estilista lá, um tipo que eu tinha visto na televisão. Então, eu tive que pegar em alguém do povo, que era-mos dois, do povo, não é, que era eu e um tipo também que estava em nome da Casa do Brasil e lá nos pusemos no nosso cantinho, porque não tínhamos capacidade para estar naquilo. Havia este momento da cultura brasileira mas hoje não é. Hoje vem o pé descalço. Hoje temos mineiros, Minas Gerais, gente ingénua, mas impressionantemente ingénua, que, “Está tudo legal”, “Mas você não vê...”, “Está bom...”, “Você não pode... não deve andar em lugares públicos, está ilegal”. Depois fazem rusga na Caparica, apanham cem, estavam todos ali, tranquilamente, a ver o espectáculo. E portanto, nestes aqui, mesmo a nível religioso, que é uma das dimensões do meu trabalho, não conseguimos reuni-los. Não conseguimos penetrar, curiosamente. Porque há um padre, eles na maioria são evangélicos, tal como os de leste são ortodoxos, e então, mesmo ao nível social tentamos um bocadinho chegar até eles, apesar de serem muito comunicativos os brasileiros, mas também aqui fica uma... há assim uma gaveta que ninguém entra. Ninguém entra. Isso é o brasileiro que conta a vida toda, dizemos nós... mas há uma gaveta que também ninguém entra porque é de facto... esta história... o aspecto mais transgressivo que ela tem, não é? A Justiça, “Então, como é que veio?”, “Enfim, os amigos ajudaram, não é”, “Então, mas foi a uma agência? Quem é que pagou? O Senhor fez algum empréstimo?”, “Ah, está tudo legal, isso vai resolver tudo num instante...”, pronto, com o estilo deles, não nos deixam entrar, também, nesta questão. E depois, há o aspecto, da percepção que eu tenho, de facto parecem-me que vieram mais casais numa fase inicial, do que de leste.

É a percepção que eu tenho, vieram à aventura. Também a miséria é maior. Apesar de muitos são de Comandante Valadares, que é uma grande cidade brasileira de Minas Gerais, que é... o dólar é a moeda que se utiliza, porque tem uma tradição de emigração para os Estados Unidos. Só que se fechou o fluxo para os Estados Unidos, não é, e vêm para aqui, para ir para a Europa, a gente nova não tenta ficar aqui, não é, e portanto, é gente que tem a emigração no sangue, porque têm tios, têm familiares que já andaram e vêm na imigração uma... só que aqui, portanto, por muito mais que nós façamos passar a informação, temos contactos com o Bispo das Migrações do Brasil, etc, a rede que eles criam entre eles trás gente, “Não diga para virem neste momento, então o senhor está a passar mal e agora diz para virem”, e a malta vem, a malta vem. E até passam na fronteira... (Padre)

Eles vêm por Madrid. (RF)

Por Madrid, outros os pentes... os pentes! Os voos são passados a pente fino, por exemplo, no aeroporto de Lisboa são quase diários que vêm do Brasil, aquilo é passado a pente fino. Portanto... eles têm outras alternativas, mas não os contam... (Padre)

Eles vêm como turistas? (APD)

Como turistas. (Padre)

Vêm como turistas, mas entram por Madrid. (RF)

Turistas e depois exigem, exigem o direito... o brasileiro no panorama da imigração exige um estatuto diferente. Porque há um acordo com (incompreensão) eles passam a vida a falar disso, não é, e aí viu-se também agora com o Lula... (Padre)

Com o Lula. (APD)

É verdade que é um acordo bilateral. Mas o brasileiro no panorama migratório sente-se de primeira. De primeira mesmo, hem. Porque há um acordo, porque é uma grande potência, não é? Portugal está agora a pedir esmola a ver se deixam entrar os nossos empresários para abrir hotéis no Natal...Portanto, e foi por causa disso também que

houve esta vantagem, “Nós deixamos entrar portugueses, regularizamos os portugueses ilegais que são à volta de dois mil”, dizem eles, “No Brasil. E vocês em contrapartida dão-nos isto”. Portanto, motivos económicos, motivos de ... e depois, o Brasil, eu falei com alguns deles, não é, eles vêm Portugal como um paiszinho...(padre)

Claro, uma cidade deles é maior. (RF)

Isto é para eles... isto aqui é...(Padre)

Parece do tamanho... (RF)

Metade de São Paulo. (APD)

Mais ou menos um Estado. Então, eles... há neste momento uma grande força, mesmo neste sentido, de reivindicação e de exigência. Agora, os imigrantes, voltando aos de fluxo, que veio, mais ou menos contemporâneo, dois mil e um... (Padre)

Até mais recente. Eu acho que... (RF)

Até mais recente...(Padre)

Do que os ucranianos. Os primeiros regressaram em dois mil e dois. (RF)

Portanto, eles vêm com um perfil, de facto, onde também, para fazer entrevistas, penso que não será fácil. Não sei se desses quarenta quantos brasileiros foram, não é? Mas também não é fácil. E falam a mesma língua que nós, em termos de discurso linguístico...(Padre)

Mas falam com uma pronúncia que eles não percebem bem o português. (RF)

Não percebem. Portanto, neste momento nós sentimos que há a necessidade de alfabetismo. Nós neste momento não sabemos como começar, para não ser humilhante, mas tal como para o leste, os cursos de português, haver em algumas paróquias cursos de alfabetismo. Fizemos para os africanos nos anos sessenta, houve cursos de formação

de adultos, mas para os brasileiros é preciso porque não... mesmo a nível... nós, a ileteracia é o nosso forte, não é? É algo parecido, enfim, não entendem, não sabem. E depois a nível da justiça, aí há, no que diz respeito às mulheres, às mulheres, portanto, entrevistadas mulheres, penso que há que cuidar se se consegue percebe esta... este estigma que elas sentem com muita, muito sofrimento, que é o estigma do assédio sexual. A mulher brasileira, são histórias uma atrás das outras, serem apalpadas no emprego... (Padre)

Por portugueses? Por portugueses? (APD)

Por patrões. (Padre)

Aliás elas falam muito... (Rita)

Tive alguns casos, enfim, falo aqui porque estamos... não é?(Padre)

Claro. (APD)

Mas de facto, a negra também é desejada pelo homem branco. Nós somos um país colonial, mas é diferente, é diferente. Porque também a imagem que exportam do Brasil, não é, é a imagem da mulher, boas praias, boas mulheres, etc e tal... isto para um Padre estar a falar, é um bocado suspeito, mas quer dizer, quer dizer, mas esta história do assédio, lembro-me do caso de uma senhora que trabalhava na casa de um advogado, não é? É pá, o homem abusava da senhora mas... ela não podia denunciar, não há testemunhos. Ela vivia um drama... o marido, ela depois contou ao marido, andámos a tentar uma estratégia para apanhar este homem (risos) é que não está certo. Que ele queira lá a senhora como doméstica, para fazer comida, etc e tal, fazer limpeza, não é? E um homem de grande nível, a nível da margem sul, na Caparica e isso, até ia à missa e tudo aos domingos. Portanto, um bocadinho... isto é, este aspecto, visto que é justiça e estas coisas, uma mulher que é injustiçada a este ponto na sua dignidade corporal e psicológica como é que ela denuncia uma coisa destas, não é? Quando é preciso ter alguém que veja ou então haver violência corporal, etc e tal, mas são subtis. Na africana, pronto, eu não tive até agora histórias nenhuma. Na brasileira isto é um bocado comum. (Padre)

A africana... (RF)

E são desejáveis. Há certos empregos, mesmo no verão, nas praias, querem é mulheres bonitas, não é, e exigem que elas vistam de um certo modo. Eu conheci casos de moças que, precisam de emprego, enfim, para a praia, gostam, andar a servir, depois, música brasileira, não é, Daniela Mercury e tal, brasileiros a servir é o máximo, não é, o consumo então. E exigiam, “Olhe, eu quero que você vista assim”, “Mas eu não quero”, “A senhora, ou veste assim ou então vai procurar outro café”. Portanto, um bocadinho também esse aspecto que... para a dignidade de uma mulher, neste caso da brasileira, é algo que toca muito a sua intimidade, por isso até que era casada, por exemplo, a do advogado até era casada. Assim, para vos dar um bocadinho esta questão, porque você vai falar disso, boqueia. Se é uma pergunta neste... ninguém fala. Esta falou-me porque, pronto, porque ela começou a chorar muito, senti qualquer coisa, Carl Rogers, não é, a não directividade, não é, que vocês praticam, o método, a não directividade. Lá tivemos que fazer só uma pergunta, “Mas está a chorar porquê?”, pumba! Foi, não é? Só esta pergunta, “Está a chorar porquê?”. Ela sentiu... senão nunca tinha contado. Falou. “Como é que podemos ajudar?”, “Vocês não podem ajudar”, dizia-me ela, “Não podem ajudar”. Ela ou despede-se, não é, ou então... (Padre)

Esse tipo de coisas acontece mais com os clandestinos ou... (APD)

Eu acho que é mais com os clandestinos. (RF)

Ou com... os ilegais estão mais... (APD)

Sonegados. O ilegal... (Padre)

Porque a forma, a legalização que tivemos em dois mil e um era, era através do trabalho... (RF)

Era através do... (APD)

Portanto, se o patrão fizer chantagem e dizer, “Não deixo fazer isto, isto e isto, senão não faço contrato, não te legalizas”, depois os patrões, nós tivemos vários casos de imigrantes escravos, quer homens quer mulheres, mas não desse tipo de abusos mas não pagar e de obrigá-los a assinar papéis em como tinham recebido quantias que não tinham recebido e etc, e dizerem, “Ah, vou já telefonar para a polícia a dizer que estás aqui e que estás ilegal”. É muito complicado, porque eles tinham pânico. E houve muitos, conheci mesmo um indivíduo que chegou a dizer, às vezes eram os patrões no fim do mês, eles (incompreensão) os patrões para não pagarem, a telefonarem para o IDIP (?) a dizer que havia ali uma empresa, a seguir o patrão desaparecia e apanhavam-nos todos, eles estavam ilegais, já nem refileavam que não tinham recebido o salário. (RF)

Ou então... (Padre)

Há muitos mecanismos de exploração de ilegais. (RF)

Ou patrões a lamentar-se... (Padre)

Os ilegais têm muito mais medo ainda... (RF)

Ou patrões a lamentar-se, “Está a ver, eu legalizei, foram todos embora uma semana depois”. Pudera, “Portanto, eles estavam a trabalhar ilegais, o senhor faz-lhe o contrato declarando o salário mínimo nacional, não é, dava-lhes por fora, trezentos, quinhentos”, não sei, setecentos euros, não é, e pergunta-lhe, “Eu legalizo-te mas tem que declarar e pagar-te, para ser justo, vou-te pagar seiscentos, não sei, quinhentos euros, não é?”, “Tudo bem”, ele quer é o papel. Porque sem o contrato de trabalho não se legaliza, não é, então muito bem... (Padre)

Também... (RF)

Brasileiros da margem sul, eu ouvi a lamentarem-se etc, portanto, aceitavam isto, iam ao SEF apanhavam-se com a vinheta e deixavam o patrão. (Padre)

Tem muito a ver com... (RF)

“Ah, são uns irresponsáveis! Viu? Eu com a minha bondade tentei legalizá-los... são uns irresponsáveis, abandonaram-me, etc”. É pá, pronto, está certo, eu compreendo mas também eles têm a noção das coisas, não é? Eles sabem, agora estando legais, podem arranjar um trabalho, não é? (Padre)

Noutras condições. (APD)

Noutras condições. (Padre)

O que acontece... (RF)

“Precisavam de si”, “Agora como é que faço para acabar a obra?”, “É pá, está bom, mas você porque é que também não falou com eles e deu a mesma coisa que estava a dar etc... não, o senhor fez mesmo a tabela risca, o senhor fez mesmo «rés vés Campo de Ourique», como se diz”. E qualquer pessoa faria isso, não é? Eles sabem, agora têm acesso a um mercado de trabalho, nas obras, sempre... (Padre)

Agora já não é tanto assim, na generalidade... (RF)

Não fazem. Naquela fase... (Padre)

Naquela fase foi... (RF)

Naquela fase que era preciso papel e o ilegal sabia estas coisas, não é? Portanto, que é também uma injustiça, se formos a ver... (Padre)

Mesmo o legal, muitas vezes o patrão legalizava-o e tenho imensos casos desses, ainda ontem me apareceu no Gabinete Jurídico que legalizam-os, depois deixam de lhes fazer descontos ou fazem uns descontos fictícios, reduz mas não entrega na Segurança Social e ele pensa que está legal e que está tudo bem, mas quando lá chega... (RF)

É. (Padre)

Quando vai renovar o visto... (RF)

Não tem. (Padre)

Não pode, não tem descontos e o patrão ficou com o dinheiro e etc. Há imensos casos. Há muitos casos de exploração... (RF)

Ou há também alguns... (Padre)

Também há casos de patrões... (RF)

Não, não. Sim, sim. (Padre)

Que foram... (RF)

Gente que se empenhou... (Padre)

Que foram utilizados pelos imigrantes. Sem dúvida. (RF)

Sim também há... (Padre)

O ponto... o principal objectivo até é angariar dinheiro, quanto mais melhor. Portanto, basta haver uma oferta pouco mais do que do sítio... no início era muito assim. Agora, já começaram a perceber que não é nada bom. Mas, eu às vezes tinha... tinha discussões e amarguras com alguns imigrantes que tinham empregos bons, contratos e patrões sérios, e por cinco euros mudavam para outro. E depois passados dois meses ou três meses vinham lá dizer que afinal estavam arrependidíssimos e queriam voltar e o patrão já não os queria e com razão. Eu dizia, “Mais vale ter um pássaro na mão do que dois a voar, mais vale este que é seguro, que é correcto, é um bocadinho menos de dinheiro, mas é garantido”. Vão para... eu tinha um bocado a sensação que eram muito infantis. O imigrante eslavo não é infantil de todo. Foi muito habituado a ser... controlado e ser organizado, toda a vida, desde que nascia era... era... estava decidida e destinada, e portanto, eles tinham muito pouca intervenção na sua vida. Estava tudo garantido, realmente, escola, trabalho, etc, até o percurso universitário, tinha logo trabalho, mas

não podia sair da linha de montagem. O que é que acontece? À medida em que vão para países, em por cima como o nosso, onde as regras, as que existem, não são cumpridas, e estamos sempre a pensar aonde é que vamos inventar uma coisa qualquer para fugir à regra e etc. (incompreensão), cumpridores, sempre tudo em ordem, tudo muito esquematizado, eles aqui têm um choque cultural gigante. É incrível, um dos vários padrões muitas vezes dizia que nós somos muito assim, “Olhe, então quando acabar este trabalho, depois se tiver tempo, dê ali um jeitinho naquilo ou naquilo se quiser, se poder...”, isso é um horror, tem de estar tudo decidido, “O que é que ele quer”, não é, “Se quiser”, é um sofrimento ter que decidir por nós, porque nós é que somos os padrões, “Como é que ele quer? E se não é isto que ele quer?”, porque eles... é muito, muito complicado. Portanto, é um ajuste cultural difícil e por isso também o tal medo, fica... fica sempre. Mesmo à russo, o medo da perseguição, muitas vezes concreta outras vezes com alguns sintomas do passado, que até nem é real mas têm muito medo, sem motivo. Vejo muitos casos, vejo casos todos os dias pessoas amedrontadas por coisas de nada. Umhas que estão perturbadas que passaram por situações muito complicadas e tenho de facto pessoas a saírem dos hospitais todas partidas pela máfia. Portanto, realmente nunca se deve desvalorizar um susto, mas a cultura... a máfia usa muito a cultura do medo que eles têm. Isso é uma autêntica cultura do medo. E a máfia utiliza isso e isso faz com que também fique tão difícil entrar na comunidade e conseguir os inquéritos. Realmente, acho que há alguns pontos onde talvez conseguiam que é através das organizações, neste caso para os de leste através da Paróquia de Arroios, também, a capelania dos ucranianos têm lá um grande trabalho, sabe que vai apanhar aqueles que vão à missa, aqueles que vão à igreja ortodoxa. No nosso serviço... (RF)

E também fora de Lisboa, também... (Padre)

Fora de Lisboa, sim. (RF)

Fora de Lisboa já temos seis centros também... (Padre)

Ligados à... (RF)

Com padres ucranianos... (Padre)

Com padres ucranianos... (RF)

(incompreensão) também têm o âmbito nacional. (Padre)

Padres ucranianos de rito latim. (RF)

Que se pode ver, pronto, mostrar os contactos, ligados mais... (Padre)

Para conseguirem contactar. A nossa organização temos de tudo. Desde muçulmanos a ortodoxos a católicos a não católicos a ateus (incompreensão), não vamos perguntar que religião, às vezes eles contam, mas... há alguns que dizem, “Ah, agora estou no Ramadão” e não sei quê, “Ah, olhe, pronto, está bem”. Às vezes, também, somos convidados para festas ou assim. (RF)

O Sheik Munir vem. (Padre)

O Sheik Munir vem sempre ter connosco e temos uma boa relação com o Sheik Munir.. (incompreensão) é um bocado complicado. É uma comunidade essencialmente masculina. Eu falo dos paquistaneses que foi com quem mais trabalhámos e nós somos quase todos mulheres lá, por isso é que é complicado, porque eles têm a divisão sexual... (RF)

Muito clara. (APD)

Muito clara e portanto, serem as mulheres a trabalhar com eles também não ajuda (incompreensão). Connosco era uma relação de dever, porque dávamos trabalho mas de qualquer maneira... Ainda nos de leste, depois eu acho que se calhar a melhor maneira seria através das organizações. (RF)

Mas também há uma figura, não sei, ela tem mais experiência que eu, os líderes associativos do leste, estes presidentes de associações, são pessoas... (Padre)

(incompreensão) (RF)

Não é isso que eu ia dizer, é bom ter em consideração, tem-se que começar por qualquer lado, não é? A associação tem um rosto, não é, um nome, não é, e sei que aqui, no que diz respeito ao leste, também nos africanos houve alguns casos de líderes associativos pouco correctos do ponto de vista financeiro, porque enfim, eles não têm preparação, depois havia projectos, também há um bocado este aspecto, enfim... mas no leste, tenho reparado, dos pouco líderes que eu conheço, eu conheço apenas... conheci agora a terceira, esta obra Soyuz, tinha ouvido falar muito... (Padre)

Ela estava lá? (RF)

Não, ela foi à Antena Um. Até tinha preconceitos já sobre a senhora, para ser franco, sobre várias coisas que tinha ouvido, mas pronto. Mas de facto, sobre os climas associativos, se as associações é uma pista, enfim, obrigatória em todos os inquéritos, de facto é bom perceber através de quem, não é, porque alguns líderes associativos, se forem eles a introduzirem os vossos inquéritos pode haver um efeito negativo, o tal (incompreensão) o tal... porque alguns têm já algum, enfim, não têm boa fama digamos assim, não é? (Padre)

Mas o que acontece... (RF)

Não têm boa fama na comunidade e portanto se há suspeita que o líder associativo é um tipo corrupto ou um tipo que na comunidade tem uma má imagem, não é, vocês também não vão longe por aí, porque vai criar desconfiança, não é? Eu não sei se o conhecem, aquele senhor alto, ali da...(padre)

(incompreensão) (RF)

Da (incompreensão), eu não conheço muito, quer dizer, portanto, “Vai aí à manhã, não sei quê, podes receber?”, portanto, se a senhora está limpa, digamos assim, limpa entre aspas, não é, portanto, pode ser que esse canal funcione. “Este é de confiança, bom, ele pediu-me”, não sei quê e tal. Mas, de facto, se for por Vila Franca de Xira, não é, ou seja, nenhuma porta se abre, por exemplo! Não é? Falha. Não é? Nenhuma porta se abre, quer dizer, e eles têm contactos com estes, portanto... (padre)

É uma rede... (RF)

É. Portanto, também aqui é bom ver: associações sim, por exemplo, se assim aceitarem, mas também cuidar este aspecto, não é, “Quem é que vai ser a pessoa que nos vai pôr em ligação”, não é, “Com algumas famílias, com alguns trabalhadores? Quem é?”. Porque... e aqui, talvez mais do que eu, seria ela, portanto, de modo a que esse canal funcione sem... sem... sem ruído, sem ruído, não é? Que a pessoa saiba, portanto... porque estes líderes associativos, eu lembro-me uma vez um jovem foi lá à Obra Católica, estava a fazer o Mestrado, não tinha conseguido entrevistar nem uma até ali. Já andava à dois meses. Todos indisponíveis, é curioso. “Sou aluno...”, todos... e fez uma lista, estavam lá várias associações do leste, etc, nenhum ele conseguia entrevistar para o tipo de tema que era, não me recordo agora... “O que é que se passa com isto?! Então, pronto, eu vou registrar esse facto, vai-me ajudar a pensar”, portanto, o líder que eu... Penso que esse canal é um canal que também é preciso cuidar. Visto que existe resistência... vocês já estão especialistas em resistência, não é, por aquilo que eu oiço e por aquilo que eu li, se se opta por exemplo, “Vou estudar este facto”, talvez até uma longa conversa com a pessoa, para explicar o que se pretende ou então levar também já algum... a nível dos do leste, também dos padres que existem, portanto, nós temos grande dificuldade em lidar com eles do ponto de vista cultural porque são dois modos de entender o trabalho do sacerdote. Dois modos totalmente diferentes. Portanto, um é muito cultural com pouca formação teológica, isto aqui dito... sei isto à dois dias (risos) porque neste momento, devido a um grande investimento da Igreja Católica para recuperar espaços que perdeu no passado, está-se a ser pouco sério na qualificação teológica... (padre)

Os padres que estão cá são católicos? (APD)

São católicos. (padre)

São do rito bizantino. (RF)

Rito bizantino... (padre)

Ou seja, há outra (incompreensão) (RF)

A Igreja orienta. É uma coisa que... há católicos, portanto, nós somos católicos, eu neste caso, ela também é católica pelo que eu sei, nós somos católicos do ocidente, da Igreja Latina, do rito latino. E há a Igreja do Oriente, que há padres casados...(padre)

São os ortodoxos? (APD)

Não, não. (padre)

Ah, à uns católicos... (APD)

Os ortodoxos é um cisma que houve, um cisma no século XII... (padre)

Exactamente. (APD)

Porque não queriam Roma como... como...(padre)

Constantinopla e tal. (APD)

Portanto, isso pronto... é tal e qual... e os de rito, digamos, bizantino católico, a nível cultural é quase igual a nós, porque ao fim e ao cabo era um rito já praticado no Oriente, não é? E tem duas tradições, sempre tiveram padres casados e não casados. E então, para os portugueses é uma novidade, não é, “Padres casados, igreja católica”, “Ah, sempre houve”, “Ah, não sabíamos”, “Ah...” e tal. E então, acontece que, por exemplo, mesmo a nível dos padres, se for através deles, vão notar que têm pouca sensibilidade social, não é? Até podem achar insignificante o inquérito, até podem dizer que não, “Porque a minha missão religiosa é dizer (incompreensão)”. Também aí, não são líderes associativos, mas líderes de comunidades religiosas, também aí, a figura deste indivíduo é preciso trabalhá-la. (padre)

Para fazer é... (RF)

Agora, está mais insento, não é? É um tipo que não tem conotações políticas... (padre)

Exacto. (RF)

Digamos assim, a não ser que ele... a não ser que ele, já tive um caso desses, no seu trabalho religioso se tenha descuidado em alguma homília, quando foi as eleições o ano passado para a Ucrânia, à dois anos, e de facto Arroios foi identificado como uma força política. E pronto, e para uma relação também politizada etc e tal... mais... (padre)

É uma marcação... (APD)

Eu li um artigo no Público em que esse jornalista, por acaso até já falei com ele sobre isso, identificou a postura dos padres de Arroios com a força política que não me recordo agora se ganhou ou não, e portanto, isso também, no nosso trabalho, não... agora, mas se o padre não se queimou neste aspecto, etc e tal, também, sobretudo neste caso os nossos de Lisboa, por exemplo, vêm da Diáspora, os nossos vêm de uma formação feita fora da Ucrânia. Portanto, eram perseguidos, não é, e foram formados, digamos, como é que se diz, na guerrilha, não é, que se diz, na resistência, não é, digamos assim, não é... (padre)

Pois. (APD)

Foram formados fora da Ucrânia. E hoje voltaram à Ucrânia com toda uma mentalidade, enfim, que é preciso ir ouvi-los para perceber quanto à de recuperar... (padre)

Ressentimento. (APD)

Algum ressentimento. E de facto nós, quando eu falo, dou o exemplo, nesse aspecto, de querermos trabalhar a nível ecuménico com os ortodoxos, eles não vão nessa. Eles têm dificuldades...(padre)

Porque os ortodoxos alinharam com o regime comunista? É isso? (APD)

Não, pelo que eu percebi... (padre)

A perseguição. (RF)

A perseguição... (padre)

Dos ortodoxos aos católicos? (APD)

Confiscaram igrejas, fecharam casas religiosas... (padre)

Mas quem? Os políticos? Ou os ortodoxos? (APD)

Os ortodoxos. (RF)

Os ortodoxos fizeram política para sobreviver, não é...

Ora bem. (APD)

Para sobreviver, portanto, as igrejas que mantiveram abertas foram as ortodoxas ligadas ao Patriarcado de Lisboa... de Lisboa (risos) Patriarcado de Moscovo que está agora a chegar (incompreensão) Portanto, o Patriarcado de Moscovo hoje, quer dominar, quer ter a supremacia sobre os outros patriarcados. Para nós é novo, não é? (padre)

Exactamente. Há todo um... (APD)

Para mim, para você também (padre)

Com certeza. (APD)

Para mim isto é coisas que eu nunca... nunca lidei, enfim, estou a tentar perceber. E até ao ponto de nós termos trazido para aqui estes padres, neste momento são sete, creio eu, portanto, Algarve, Évora, Lisboa, Leiria, Fátima e Viseu. Portanto, estamos a recusar (incompreensão) católicos, estão-se a aproveitar, a aproveitar, da situação de vulnerabilidade dos imigrantes, onde a maioria são ortodoxos e estão a...

(incompreensão) (APD)

E de facto é verdade. É verdade, isso é verdade, no sentido que uma Páscoa ucraniana em Arroios tem duas mil pessoas. E certamente, não sei, mas se calhar mil e seiscentos são ortodoxos, estou assim a mandar para o ar, mas vêm todos. Porque eles também não têm formação religiosa, não têm formação religiosa. (padre)

Eles próprios escapa-lhes essas... essas guerras, digamos assim? (APD)

Eu acho que sim. (RF)

Religiosas. (APD)

Quem? (Padre)

Os imigrantes. (RF)

Estão a leste, estão a leste, estão a leste (risos).

Vêm do leste! (RF)

Não. Estão a leste porque são quase setenta anos em que dão formação religiosa. (padre)

Pois. (APD)

Portanto, transmitiram-se rituais ícones e transmitiram-se pequenas coisas, de avó para neta etc... isto não é uma coisa... (Padre)

Como foram baptizados às escondidas. (RF)

Porque não é uma coisa esclarecida. E de facto, as grandes concentrações feitas de imigrantes foi a igreja que fez até agora. Ninguém consegue. (padre)

Vocês encontram religiosos... uma religiosidade bruta nessa gente? (APD)

Não é bruta... (Padre)

É uma coisa... bruta no sentido... (APD)

Tradicional... tradicional, gestos sem perceber porque é que se faz...(Padre)

O Padre Bonifácio contou, muito engraçado, estava o Padre Bonifácio é um padre ucraniano que está cá, foi baptizar uma criança cá e que pediram-lhe para deixar a porta da igreja aberta para trás, e ele disse, “Então, mas vem alguém? Estão à espera de alguém?”, “Não, é que assim, quando baptizarmos, o Diabo foge”. Portanto, ainda está tudo um bocadinho baralhado. (RF)

É muito, muito. (Padre)

É tudo muito... (RF)

Isto é para nós, quando estamos com eles, por exemplo, isto aqui é só para lhes dar a perceber se vão pelos líderes de comunidades religiosas, perceber este aspecto também, portanto, nós, eu quando estou com eles, já estive várias vezes, ela também já esteve, não percebo nada da missa, estou ali duas horas, etc, mas é um recuar no tempo. É um recuar no tempo. Portanto, é uma viagem que eu faço... que me lembra, portanto, anos sessenta, eu era uma criança, antes do Vaticano Segundo, a missa era em latim, ninguém entendia nada, o padre estava de costas... toda uma série de simbologias que nós, para hoje, estamos muito secularizados. O europeu gosta de ir a esta missa, porque ele recupera símbolos e cheiros e coisas que perdeu e que lhe dizem muito, não é? Quer dizer, mas para nós... (padre)

Em termos de ritual, tem uma riqueza ritualizada. (APD)

Nós perdemos os símbolos, não é, perdemos os símbolos, não é, a nível da nossa evolução cultural, etc, o ir lá é uma viagem no tempo, de facto, para mim. E depois,

com a agravante que à três dias tive uma conversa com alguns deles, então, é uma viagem teológica em que eu de facto disse, “É pá, agora entendo porque é que a gente fala da legalização, problemas sociais, e alguns deles não querem saber nada disso”, alguns deles. E isso não é religião, é ritualismo não é? Ritualismo, “Então, mas você não vê que tem ali um tempo de antena importante para fazer passar uma mensagem, «A seguir à missa vamos todos conviver, falar etc e tal?»”. Alguns deles, (incompreensão) portanto, é também... outro tipo de líderes para os inquéritos, se vão pelos patrões, aí não se vai...(Padre)

Deixe-me parar um bocadinho neste ponto. (APD)

O meu tema é os líderes. Se vocês querem intermediários para chegar às pessoas, não é? (Padre)

Pois. (APD)

Certo? (Padre)

Certo. Está certo. (APD)

Se se opta por aí, não é? (Padre)

Mas eu estava é curioso de uma contradição: que é entre um certo isolamento, estamos a falar de leste, não é, e um certo isolamento das pessoas uns em relação aos outros e depois uma comunhão muito forte no ritual. Há aí uma contradição? (APD)

(incompreensão) (RF)

Mas o ritual... (Padre)

(incompreensão) (RF)

Pois, se vem cá a Ucrânia jogar, se vem cá a Ucrânia jogar o estádio também enche, penso eu. Quer dizer, desculpe a comparação... (Padre)

Com certeza. (APD)

Portanto, o imigrante nesta fase de emergência...de momentos em momentos, andam e vão à missa e se calhar é no adro da igreja que fazem alguns contactos, a gente sabe disso. Que momentos é que eles têm agregadores com alguma insenção, onde...(Padre)

(incompreensão) (RF)

No adro, no adro... eu soube da United... esta grande empresa de banco que está aí fazer um dinheirão com os ilegais, como é que se chama? United...(Padre)

A Western Union. (RF)

É. Foi ter com os padres... (Padre)

Ah, pois claro. Foram ter connosco também. (RF)

Para pagarem para por um stand dentro da igreja (risos), eu disse, “É pá, não faças isso. Olhe, então diz, «Ponham a cem metros»”. O padre tinha contrapartidas, “Você deixa por lá a bancazinha, a gente...” ... (Padre)

E ganham dinheiro. (RF)

É. Quer dizer...(Padre)

Também falaram connosco. (RF)

De facto, quem é que reúne, isto é, mas mesmo os nossos imigrantes, os nossos imigrantes portugueses lá fora, eu vou muito à imigração, que a Obra Católica também trabalha com as comunidades portuguesas, em Maio que é a grande concentração, ao redor da Nossa Senhora de Fátima que é o símbolo, não é, é um símbolo, também com

muito ritualismo, não é, (incompreensão) é a Nossa Senhora de Fátima. É uma bandeira. É uma bandeira! O vinte e cinco de Abril não reúne tantos. O nosso período é: vinte e cinco de Abril a dez de Junho, não é, que é o período onde há dinamismo associativo, etc. Vinte e cinco de Abril, cuidado, comunistas, etc, não é? Nossa Senhora de Fátima, tudo, sai tudo à rua. Saem os que vão à missa os que não vão à missa, os ranchos folclóricos todos dançam a seguir à festa de Fátima, as febras, os pastéis de bacalhau, vinho verde, etc e tal, todos Benfica, Sporting... dez de Junho já menos, mas é mais (incompreensão). Nós lá fora é também a religião que congrega a comunidade portuguesa, é a religião. Porque a religião, a meu ver, toca com estas convicções mais íntimas e também das mais primitivas, digamos assim, não é, dos medos. Quantos imigrantes o que resta não é a religião para ganhar auto-estima? Temos que ser francos. Perceber, como é, pá... (incompreensão), enfim, não estou só... solidão, quantas vezes para alguns dos nossos portugueses contam isso, foi o ir aquela igreja ou falar com alguém crente, ir ao bruxo, até, etc, que não deixou apagar a auto-estima, porque a imigração é altamente humilhante. Você fica despojado de tudo, num certo momento. Até da família, dos filhos. Nós aqui, portanto, sabendo disso, das experiências que temos e porque também nos interessa que esta dimensão do apoio religioso não falte a esta gente, contrariamente ao que foi feito para os brasileiros e para os... para os africanos, nunca mandámos vir padres de África. É curioso também nesse aspecto. Nós em dois anos temos cá oito padres da Ucrânia... (padre)

É uma questão da língua, também. É uma questão linguística. (RF)

É da língua. É da língua, porque a Igreja diz que eles têm direito a receber o culto na língua deles, na língua mater que é muito importante. Mas, por exemplo, nós tivemos, lidámos com os africanos de um modo, pela língua também, não é, e com estes há outra maturidade, outra maneira de ver as coisas, não é? (padre)

(incompreensão) (RF)

Quer dizer, nós hoje, por exemplo, nós nunca criámos a nível de igreja, uma coordenação nacional para o apoio aos africanos. E falámos disso à alguns anos. Nunca criámos um indivíduo que siga os brasileiros, Caparica, Mafra, Quinta do Conde, alguns grupos também no Algarve, etc, mas os bispos criaram em Maio passado

o coordenador nacional, que não tem tanto a ver, é curioso, à três dias entendi isto, com o apoio religioso mas tem com o acompanhamento destes padres, porque caem num mundo, num mundo...(padre)

Diferente. (RF)

Totalmente diferente deles. (Padre)

Mas depois aqui... (RF)

Isto é só para dizer como também há um crescimento de preocupação e há o aspecto religioso, de facto, que nesta fase inicial é o agregador, porque as associações são poucas, são poucas. Há umas emissões de rádio por aí e vai haver mais agora com o canal dois que se vai abrir, etc, para os imigrantes. Então, a festa, e a festa na imigração é muito importante. Festa, o celebrar, o expor a minha bandeira, etc, é na igreja. Ou no estádio, não é? Então, a associação, há estes problemas todos e muitos não confiam na associação. Os jornais que apareceram também são... um já acabou. Escreveram-nos... todos, nós somos assinantes, “Vimos informar que não há mais lugar para o nosso jornal” ... (Padre)

Era o (nome do jornal de leste)? (RF)

É. Acabou o (nome do jornal) (Padre)

O (nome do jornal). Está...estava ligado à política (incompreensão) (RF)

Pronto, também este aspecto, é um aspecto... isto é... então eles... portanto, o que apareceu para eles, há o perigo e de facto temos a missão de alertar para isso, que é que este rosto legal dos jornais e associações das igrejas, não é, não seja de facto o legitimar algumas ilegalidades e legitimar redes e legitimar esquemas, não é, que ainda estão aí em vigor, etc e tal, que é o nosso... o máximo (incompreensão) (Padre)

Tem a ver com a questão cultural, com a imigração de leste, basicamente tudo tem um preço, tudo se cobra. Eles tiveram um choque quando perceberam que havia pessoas ou

organizações que faziam trabalho gratuito, “Mas porquê que... porquê que... o que é que vai receber em troca de eu estar aqui? Quando é que eu vou ter que lhe pagar pelo que está a fazer?”, tudo tem um preço. (incompreensão) e aproveitando esta mentalidade é muito fácil de montar um esquema de sobrevivência. Portanto, as associações de imigrantes, neste momento, as de imigrantes de leste, primeiro estamos numa fase de (incompreensão) as pessoas têm o sonho de vir ganhar dinheiro, não é tanto a parte de se juntar e ir ter com os amigos... (RF)

Claro. (APD)

Portanto, têm o tempo muito ocupado. Aqueles que começaram a lançar-se logo no início, descambaram. Começaram a lançar-se mas começaram a perceber que o filão poderia ser utilizar aquela mentalidade do “Tudo tem um preço”, para cobrar todos os tipos de serviços, inclusivamente cobrar serviços incorrectos, avançarem com informações jurídicas incorrectas, cobrar legalizações que não se podiam fazer e por isso é muito complicado. Eu tinha, à dois anos ou três aliás comecei a falar desta história das associações de leste, tinha previsto que nos próximos tempos não iria surgir nenhuma assim... mas pode ser que passado este tempo, todas as que existem neste momento, cinquenta por cento ... não há nenhuma que realmente é aquela que é, “Está ali mesmo para ajudar e pelos vistos sem outro interesse que não seja arranjar logo ali uma fortuna e vender coisas que não são verdade que é o mais preocupante”. Portanto, eles são extremamente individualistas, são muito tímidos, muito... têm muito medo e eu só vejo a forma de chegar lá através de algumas associações em que eles conseguiram manter alguma relação. Dentro das quais, eu tenho a sorte, acho, de me enquadrar nessas organizações. Não somos os únicos, mas somos umas das quais e estamos ao dispor para o que precisarem... (RF)

Obrigado. (APD)

Para fazer de elo de ligação. (RF)

*Explique a experiência com os interpretes também é interessante. Os interpretes...
(padre)*

Os interpretes. Pois. O perigo de não saber a língua é que, os interpretes podem, sem nós sabermos, estar a dar informações que não são correctas, estarem a cobrar os serviços que estão a fazer. E, portanto, temos casos no nosso serviço, já tivemos de tudo. Tivemos um senhor que cobrava os nossos serviços na sala de espera, portanto, cobrava os serviços... (RF)

Cobrador. (APD)

E aparentemente não dávamos nada por ele, pensávamos que o senhor estava perturbado, estava lá sempre, um bocado aluado, com a bíblia atrás para ninguém... e cada vez que me via, “Minha senhora...” e tal... (RF)

Os africanos trazem o terço no bolso. Não rezam mas... quando falam com o Padre, “Está a ver, eu...” (risos) (Padre)

Ele tinha escolhido o cenário perfeito e estava no sítio perfeito, portanto, quando chegava ao fim depois iam lá pagar. Só percebi quando me veio o sujeito indicar que tinha pago e que não tinha recebido o serviço. Primeiro que eu percebesse que era ele que estava a cobrar os serviços. Isto para dizer que no caso de terem de utilizar interpretes é preciso extrema confiança... (RF)

Claro, claro. (APD)

Primeiro podem utilizar perguntas (incompreensão) e podem sugerir as respostas. (RF)

E podem cobrar até. (APD)

Podem cobrar logo, “Vais ter que pagar senão ficas sem nem o quê ou depois vou fazer isto ou aquilo”. Eles utilizam muito também nesta cultura do medo a ameaça. Que é preocupante, tanto que faz com que eles tenham mais medo. Uma ameaça (incompreensão) muito sensível e muito amedrontada e acha que se não fizer isso vai ter repercussões, ele faz logo tudo e paga tudo. Portanto, uma das formas da máfia actuar é, por exemplo, cobrar segurança na rua, “Vives nesta casa? Queres ter segurança? Tens que pagar dez euros por mês”. E dez euros parece que não é muito, mas são uma rua

inteira de imigrantes. E eles pagam. Eles preferem pagar e estar descansados do que não pagar e levarem uma surra ou matarem... matarem são casos mais extremos, mas... Porque eles depois basta baterem num à frente de outros, e saber que ele vai parar ao hospital, todos pagam tudo. Portanto, é impressionante a forma como utilizam... e a nossa função, no nosso serviço também é dar um pouco de confiança à pessoa, saber que (incompreensão) eles estão muito habituados a uma polícia, a uma força policial muito forte e a nossa polícia, dizem que é, são mais... eles ajudam mas, “Mas não tem onde dormir? Então durma aqui na esquadra”... Tive um inspector do SEF, com o qual nós conversamos muito, quer dizer, da parte da investigação das redes de máfia, e por forças das circunstâncias tivemos que começar a trabalhar em conjunto e ele dizia que de facto era impressionante porque eles queriam impor algum respeito e eles achavam que eles eram... depois... claro que à partida é um medo doido, mas depois como eles ajudavam e levavam-no a comer ao café, “Então, venha lá, não comeu” e não sei quê, então, iam às vezes ilegais lá ter com ele pedir-lhe trabalho, “Saia-me da frente, nem diga que está aqui que eu tenho que o mandar prender! Vá-se embora”, “Ai, foi tão bom para o meu amigo, era para ver se me ajudava”. Ele teve vários casos, “Isto não é normal, como é que isto me foi acontecer. Eu não posso, eu não posso”. Senão, ele tem que os mandar prender. (RF)

Claro. (Rita)

Com certeza. (APD)

Africanos... alguns indivíduos dizem, os que estiveram presos, “Deus é muito bom que manda sempre um polícia, que manda sempre um polícia bom e um polícia mau” (padre)

(risos) (RF)

Isto é curioso. Não foi mau, “Está a ver, tudo passa”. Sempre um bom e um mau que equilibra a coisa. (padre)

Mas as transgressões que falava no princípio é este tipo de transgressões que estava a falar, portanto, do sem-papéis ou outro tipo de transgressões que estamos a pensar? (APD)

Não. As questões que eu falava... estas histórias transgressivas é de facto, enfim, pelo meio há tanta coisa que sucede para chegar aqui, não é? E se o tema é a justiça, se está a falar disso, uma pessoa pelo caminho, como é o Padre de Viseu, pelo caminho apercebe-se que está a ser vítima de tráfico (incompreensão) e pelo caminho começa a perceber que, ao fim e ao cabo, há portagens, não é... e ele aceita, ele aceita que ele quer chegar a Portugal, ele aceita pagar portagens. E depois, há pessoas que vieram um pouco pelo caminho e depois, “Ou você fica pelo caminho ou é cúmplice de...”, enfim, porque há instrumentos, há empréstimos, não é? Então, as coisas são transgressivas ao fim e ao cabo que são feitas, como enganar os patrões. Só que é uma coisa numa fase inicial, é uma coisa atrás da outra, até estabilizar. Depois estabilizam-se, há aqueles que falam disso, do que se passou... (padre)

Pois. (APD)

De todas elas há coisas que o falar... lembro de um caso, eu não estou à muito tempo com ela, mas o indivíduo veio ter comigo com um cheque sem cobertura de mil e duzentos euros... (padre)

De um português? (APD)

Salários! (Padre)

Um salário, pois. (APD)

Sem cobertura. E não tinha modo de sacar... (Padre)

Reivindicar. (APD)

Não tinha modo. Andava com ele no bolso, mostrava a todos. Isto aqui é uma perfeita... e foi-se à... e não se conseguiu fazer nada. Nada...(Padre)

Depois às vezes eles... (RF)

Não contam...(Padre)

Justiça com as próprias mãos. (RF)

*Precisamente, aí está. Para um indivíduo, uma coisa destas, não é, mil e duzentos euros pá, fruto do trabalho dele, trabalhar até ao pôr-do-sol, etc, isto aqui é um despojamento terrível, não é? Depois eu e a igreja e outros não podemos aceitar.
(Padre)*

(incompreensão) por muito que nós queiramos e nós participamos quer à Inspeção Geral de Trabalho quer o SEF, a nossa Justiça é muito lenta realmente, mas acreditam, parece que nada funciona. Eu tenho um caso de à três anos, o patrão também deve três mil contos e dizia sempre, “Eu quando acabar a obra pago-lhe, eu quando acabar a obra pago-lhe” e não sei quê não sei que mais, e aquilo está no tribunal de trabalho à três anos. E o homem já disse, “Eu vou comprar uma pistola. Eu vou lá e mato-o”, “Por amor de Deus, não faça uma coisa dessas. Então, não vale a pena”, “A vossa justiça não ajuda eu vou fazer justiça”. É complicado tentar gerir que, “Não é correcto”, não sei o quê, “Eu tenho a minha mãe a morrer, eu tenho que comprar uma casa na Moldávia e afinal andei a trabalhar seis meses sem receber e trabalhei não sei quantas horas”, é muito complicado. Tanto que nós, por muito que queiramos, dizer, “Não, pense bem”, ou para denunciar situações de máfia. Até porque a protecção de testemunhas não está garantido. (RF)

Ora está. A lei diz... se vocês têm questões sobre o tráfico, por exemplo, não sei, estou só a imaginar, de facto há este aspecto que nós temos alguma experiência, a lei do quadro das testemunhas que agora se fala muito da prisão preventiva, etc, não está, como é que se diz, regulamentada, é isso? (padre)

É. (APD)

Não sou muito bom nesta linguagem, regulamentada e tal. Depois tivemos experiências de alguns casos de pessoas que levavam o SEF ao topo de algumas redes e que o SEF não deu garantias de protecção à pessoa. (Padre)

Não tem é meios. (RF)

Pediram-me a mim para pôr, “Ó Rui, abrigue-me estas duas pessoas. Vá lá Rui...” eu contei-lhe, não é? (Padre)

Sim. (RF)

Aparece-me lá o SEF no serviço, “Temos aqui estes tipos do Cazaquistão.. vão-nos levar a uma rede”, “Pronto, está bem, eu tenho uma pensão aí rasca, não sei quê, mas agora eu peço é protecção para a pensão, porque a senhora é boazinha e arranja-me dois quartos, só que eu não quero que vão lá máfias bater na senhora, nem destruir aquilo, etc e tal”. Lá me garantiam o estatuto. A senhora aceitou, eu expliquei, “Olhe, senhora, são pessoas muito perigosas, perigosas não, são pessoas...” (padre)

Podem trazer algum risco. (APD)

Olhe, dormiram lá uma noite e desapareceram. Desapareceram, eu, “Então, mas não puseram ninguém lá à porta da pensão? Saíram por onde estas pessoas?”, “É pá, não sabemos!”. Não garantem. Ou então um caso, esse eu não estava, mas que foi o inspector do SEF num debate que fizemos «A Justiça e (incompreensão) religiosos» em que um inspector do SEF, não posso dizer de onde, diz que detectou uma mulher vítima de tráfico, mais ligado também ao prostituismo internacional, etc, e que ela teve que levar a pessoa para casa dela. A inspectora do SEF, porque viu-se diante de um caso humano, de uma mulher que dava informações devidas, tinha em perigo a vida dela pelo facto de ter falado e ela não tinha onde pôr a senhora. Levou-a para casa dela durante quatro dias, em casa dela escondida e deu o testemunho, nós mandámos sair na comunicação social naquele momento e, “Eu tive... eu tive que levar...”, porque até há inspectores do SEF que têm muito coração. A gente... depois a gente bate no SEF, tem que ser, mas há pessoas no SEF com algum valor, enfim, só que não podem ir muito longe. Ela pôs em casa dela esta mulher prostituta, prostituta à força, como é

lógico, não é. Então, aqui, se há perguntas neste sentido, vítima de tráfico, para aqui, para acolá, é pá, aqui é mexer então, ela é que é psicóloga, não é, mas quer dizer, aqui é mexer numa coisa que... (Padre)

Se quer recalcar. (APD)

É um bocadinho... (RF)

A justiça é de facto... (Padre)

Doloroso. (RF)

No entanto, aqui poderá, poderá ser recorrer a organizações que nós temos onde há mulheres em recuperação, por exemplo, mulheres... a Inês Fontinha, por exemplo, falo com a Inês Fontinha, explica que... “A nós interessaria ter, sei lá, alguns contactos com mulheres traficadas ou mulheres que estão a sair da prostituição porque é onde há...” portanto, penso eu, não é? Sendo, cá está, mediadora a Inês Fontinha, que poderão ter alguma mulher que vem deste mundo. Agora na rua... numa associação, tocar este tema do tráfico é um... nem a nós... (Padre)

Eles muito dificilmente dizem que estão a ser perseguidos pela máfia. Nós... nós só dizem mas só no desespero. Tive um caso de um senhor que me fez sinal atrás, ele fazia assim e assim, sinal que estava a ser perseguido, pela pessoa que estava à porta à espera dele. E foi muito complicado. E tentámos protegê-lo e não sei quê e chama-mos a polícia e tal, e foi tudo muito complicado. Porque isto são temas... primeiro, porque nós não somos polícias e depois de falar-mos com o departamento de investigação do SEF, temos que fazê-lo durante uma série de dias (incompreensão) porque aquilo é um peso pesado e portanto, o que é que podemos fazer? Encaminhar para quem pode mexer naquilo, com aquilo a gente não tem nada a ver. Ou vão connosco, que é o que nós temos feito às vezes. Já tem acontecido (incompreensão) um inspector disfarçado. Quando sabemos que a pessoa quer falar e é claro que a pessoa tem que querer, porque nós não obrigamos ninguém... (RF)

Com certeza. (APD)

Não quer, não quer. Mas quando a pessoa diz, “Quero falar, quer falar com a polícia, mas não quero ir à polícia”, normalmente... os inspectores já foram lá duas vezes dois inspectores ter connosco. Já é nosso conhecido e vai lá e toma café e está ali na conversa e tal. E pronto, ele ouve o testemunho e vê se pode fazer alguma coisa. Agora realmente, também a concepção de máfia deles é diferente da nossa concepção de máfia. Numa cultura em que tudo tem um preço, nem tudo é máfia. Pagar para ter um trabalho é normal, agora pagar para não lhe tirarem o trabalho já é máfia. Portanto, nós o que tem um preço, uma coisa que à partida não era cobrável é máfia. Mas nem tudo é máfia e nem todos são mafiosos e às vezes até são coisas (incompreensão) esta história da segurança e tal. Até pode nem ser uma grande máfia, pode ser um homem que se tenha lembrado disto e que naquela rua está a ganhar dinheiro porque é forte e alto e não sei quê, e se for preciso dá uns sopapos num para ameaçar e diz que isto está tudo ligado às outras máfias. E como eles não sabem, o medo é tanto que eles pagam tudo. Nós temos um caso (incompreensão) depois um deles veio ter comigo (incompreensão) veio ter comigo porque o colega, sabiam que ele estava no turno da noite foi a casa deles, espancou a mulher dele e teve que pagar uma fortuna... (incompreensão) porque senão ia para as outras máfias e que iriam ter problemas para o resto da vida. E ele veio ter comigo muito nervoso mas de qualquer dos modos não queria denunciar e disse-lhe (incompreensão) o que é certo é que ele mudou de casa. Ele denunciou, eu chamei lá o outro, e depois foi engraçado que o outro foi lá com um ramo de flores para me oferecer, “Ó como está? Que prazer, então o que é que queria? O que é que queria falar comigo?”, eu disse, “Olhe, pois, era só para ver como é que está”... não sei o quê, e não foi preciso dizer mais nada, porque ele percebeu que sabia. Não foi preciso lhe dizer que tinha tido uma denúncia. (RF)

Claro. (APD)

E ficámos assim. Ele nunca mais fez nada, nunca mais meteu-se com ninguém (incompreensão), mas a mulher dele vai ainda lá trabalhar e a outra também. Mas ele mudou de casa, foi... a mulher foi espancada ele mudou de casa. Portanto, até nem era nada de especial, é no aspecto...mais no aspecto para fazer isto. E agora ele está com um processo crime, já foi à dois anos, ainda nada aconteceu, porque isto é tudo tão lento. Por isso, é que as pessoas preferem não fazer nada. (RF)

O que me está a dizer é que existe assim um certo contínuo entre as actividades normais de troca de serviços entre imigrantes ou até entre pessoas nacionais, estávamos à bocadinha a falar de associações e as máfias que efectivamente usaram, digamos assim... (APD)

Há assim um paralelo. (RF)

Que têm um esquema mais industrializado de exploração... (APD)

A máfia é um esquema muito mais pesado. Muitas vezes não é tráfico humano mas tráfico de armas e... (RF)

Mas se calhar também não se interessam por ir recolher quinhentos aqui, quinhentos acolá... (APD)

Exactamente. (RF)

É... (APD)

É outro esquema mais avançado. Depois temos estas pequenas... pequenos tentáculos ou... (RF)

Pois. Depois pode haver... (APD)

Funcionam em paralelo. (RF)

Free-lancers, não é? (APD)

Exacto. Depois havia ainda aqueles que cobravam os nossos serviços, esses eram free-lancers. (RF)

Exactamente. (APD)

Já ninguém (incompreensão). Outra coisa que nós também tivemos antes de este senhor cobrar os serviços, era... nos temos que estar sempre a adaptarmos, é preciso muita imaginação, para cortar porque a concorrência que nós temos que fazer a uma rede de máfia é ir trocando-lhe as voltas. E, primeiro não é preciso entrar em confronto, mas perceber que não nos amedrontam. Claro que isso é um bocadinho difícil (incompreensão) não temos minimamente de medo, embora no intimo tenhamos. Houve umas alturas em que andei um bocadinho aflita, mas já passou. Mas cheguei à conclusão que não iam fazer mal. Nós era-mos a continuidade da rede deles. Porque eles cobravam o dinheiro e nós é que fazíamos os serviços, o que era um bocado escandaloso para nós. Porque eles cobravam pela nossa morada. Eles vinham já do país de origem com a nossa morada. (incompreensão) eles já tinham a nossa morada. E no início dava-me vontade de mandar as pessoas todas à fava e mandá-las dali para fora. Só que eles eram as vítimas. E tínhamos que perceber que eles eram as vítimas... (RF)

Claro. (APD)

(incompreensão). Mas nós tínhamos... a nossa forma de registrar as pessoas atendidas no dia a dia, primeiro, temos vários sistemas: o sistema da semana - a pessoa chegava lá e ia marcar para a semana toda, com marcações ao longo da semana, não sei o quê. Depois já era para daqui a duas semanas, depois já não era os que apareciam porque entretanto já tinham procurado um sítio; depois tínhamos o sistema das bolinhas com o número. Eles trocavam e vendiam as bolinhas uns aos outros. Depois já não funcionava. Mas o que durou mais tempo até perceber que havia ali esquema era no próprio dia. Então, em vez de estarmos a fazer para a semana, depois eles não vinham, no próprio dia podíamos atender quarenta. Os primeiros quarentas que chegassem nós registávamos e atendia. Durante um tempo aparecia logo a lista feita. Então, o que é que acontecia? Havia um senhor que a profissão dele era ir dormir para lá à noite, cobrava aos outros para estar lá a marcar o nome. Eles pagavam, uma semana antes, “Tu no dia tanto, dormes aí, à porta, depois nós pagamos, qual é o lugar que queres? Ah, há mais caro é mais à frente”, depois fazem trifulhice logo, não é só pagar o mesmo preço, é, “Se me pagares um bocadinho mais eu ponho-te em primeiro. Se me pagares um bocadinho menos...” (incompreensão). E foi complicado. Primeiro, a casa por cima tem padres a viver e começaram a perceber que (incompreensão) e depois foi o dia em que eu cheguei lá e rasguei o papel da lista e percebi quem era a pessoa. Ficou tão furiosa

comigo, quase que me mordeu, porque... eu disse-lhe, “Isto agora já não há lista! Vamos fazer outro sistema.” Arranji ali um sarilho e ainda ninguém se queixou mas eu vi que o homem ficou completamente alterado (incompreensão) mas desistiu. Agora, nós estamos sempre a trocar as voltas à máfia. Acho eu! Mas vai surgir, com certeza, que eles são (incompreensão) mas nós temos que estar sempre... isto no fundo o que é que quer dizer? Quer dizer que são pessoas muito... muito frágeis. E que... a imaginação faz parte da sobrevivência. Também não é uma crítica pura e dura, porque se calhar, nós no lugar deles se calhar também tínhamos este espírito imaginativo para arranjar um jeito alternativo de angariar mais dinheiro. Quando...(incompreensão) mas, temos que perceber que a situação não é fácil. Eles estão num estado que deixam que uma cultura do crime, tudo tem um preço, é muito fácil fazer estes esquemas.

Duas coisas, que eu tenho que ir embora... (padre)

Com certeza. (APD)

Não digo mais nada. (RF)

É bom ter em consideração que foi dito na Gulbenkian, visto que o tema é a justiça, que este indivíduo da OIN que falou muito bem, da Ucrânia, gostei muito de ouvi-lo, disse que quando se expulsa alguém, não é, dizia ele, é preciso ver se a pessoa é vítima de tráfico ou não. Porque se vocês, se o SEF expulsa alguém vítima de tráfico, a pessoa ao chegar à Ucrânia é apoiada pelas ONG'S, no sentido de ser... porque há programas e não sei quê e tal, e se a pessoa é vítima de tráfico, mas é expulso como imigrante imigrante não fica nenhuma margem às ONG'S de ajudar esta pessoa. Outra coisa que também nós falámos o ano passado em Fátima num encontro, eu trouxe aqui, um encontro sobre as prisões, mas vejo que... portanto, se uma pessoa está ilegal e é vítima de tráfico, Portugal devia dar-lhe uma autorização de residência durante um período excepcional para que a pessoa se reabilite aqui, mesmo estando ilegal, reabilita-se aqui e depois eventualmente... vê-se o tipo de reinserções é que pode ser. Porque de facto, nesta ilegalidade está a ir tudo para o mesmo saco. Pior ainda, devido à sobrelotações das prisões e à incapacidade do sistema prisional português, não é, que viu-se agora à poucos dias o Provedor de Justiça, que foi um fracasso a reinserção, porque cinquenta por cento dos presos que estão na prisão... temos muitas vezes porem na prisão pessoas

que o único motivo que fizeram foi estarem ilegais, não ter papéis, não é? Como não têm aonde pô-los, não é, vai tudo para a prisão. E acontece depois como junta a vítima e o alçoz, como junta, enfim, mesmo a nível do tratamento da situação de particularidade... particular destas pessoas, neste momento há uma grande confusão e incapacidade. Porque ou fica (incompreensão) a Polícia Judiciária e o SEF, só estão a lidar com isto desde noventa e nove. Portanto, é tudo novo. O tráfico foi em noventa e nove com o Porto Salvo, o famoso assassinato de Porto Salvo, em que começaram a puxar a cordinha e viram que estamos também em Portugal com redes. Estamos a quatro anos, enfim,... há aspectos a nível da justiça que a mim... por exemplo, é só desde... dois mil e um que alguns crimes são puníveis em Portugal: angariação de mão-de-obra... antigamente não era, antes de dois mil e um, não era. Há também uma evolução que neste momento permite, e haverá mais, não é, agora estão a organizar estes (incompreensão) para os empregadores e transportadores, para as companhias aéreas, quer dizer, portanto, há de facto esta novidade destes acontecimentos, não é, aqui não será a Bola de Neve mas será a ponta do iceberg, não é, que de facto é tudo novo, não é? E poder actuar, dar respostas (incompreensão) como é nossa obrigação, respostas sociais adequadas em parceria com os serviços é muito difícil. Como as prisões também é muito difícil, porque estão abandonados pelas embaixadas, pela União Europeia e como até dizia o Director das Prisões e, pelo menos por isso, não é, os únicos presos que não se drogam são os de leste, até agora. Mas os que vão continuar na prisão são do leste. E passam a vida no ginásio. Eles passam a vida no ginásio. Os guardas-prisionais têm um medo que se pelam do leste (risos) (Padre)

Só que eles... todos eles tiveram treino físico. São ex-combatentes, são ex... (RF)

E ele diz, “Como é que é? Temos trezentos presos...” (Padre)

Então, eles metem respeito. (RF)

“Dezoito nós controlamos na prisão. Dezoito”. Portanto, de facto foi muito interessante o que ele disse, para dizer, são aqueles que ainda não se drogam mas daqui a um momento não se vão drogar, mas vão controlar o tráfico na prisão. Por isso, cá está, portanto... a justiça em Portugal, a este ponto, como agora aumentou toda uma série de provedorias, centros para aqui e para acolá, mas o imigrante perde-se

nesta... se não for acompanhado não vai aos lugares. A justiça é para quê?(incompreensão) e de facto aqui, de facto o vosso trabalho eu acho muito importante, só que as fontes, aquelas que conseguir certamente verão informações importantes e oxalá que assim também se ajude, enfim, a outro nível mais elevado esta incapacidade de nós denunciar pessoas. Ela tem arriscado bastante, até, mas nós tivemos uma senhora que é (nome da pessoa – pedido para omitir o nome) começou a denunciar patrões, ela foi perseguida. Ela teve que abandonar o local de trabalho durante um tempo, fugiu do país, pá. Os patrões! Portugueses! (incompreensão). Atenção, hem! (incompreensão) Porquê? Porque ela levou o SEF a um empregador que tinha um saco de passaportes, um saco de passaportes! Um saco de passaportes. Portanto, e depois os contentores aquela coisa. Para dizer, também há este aspecto que às vezes até nós que ao fim e ao cabo se cometemos um delito é o delito da solidariedade, porque nós não poderíamos ajudar ilegais, não poderíamos ajudar ilegais. Portanto, em França, antes de... em sessenta e cinco a lei permite o delito de solidariedade para as associações, nós já falámos disso, mas, “Vocês não fazem lucro... vocês não é por motivo...” (risos) e tivemos que exigir que pusessem isso na lei, não é, porque senão, nós não fazemos lucro, nós não somos uma rede... porque eu ao ajudar um ilegal estou a ajudar a sua permanência em Portugal. Certo? E não posso fazer isto. Lá andámos a dizer ao (incompreensão), “Não, estejam descansados que é o artigo tal”, para aqui para acolá... mas se há um delito que fazemos é de facto o delito da solidariedade para com esta gente, em que muitas vezes, de facto, recorrendo aos lugares, aos sítios, às pessoas que todos nos dizem, repetem-nos, “Ah, mas também isto à isso!”, não conseguimos a nível da justiça. Três anos à espera da decisão, não sei mais quê...

é verdade. (RF)

Depois a outra que é o protocolo que (incompreensão) vamos lá e está lá um estagiário e pronto, aquilo também não anda e depois, “Vocês sabem, nós não temos pessoal no SEF”, então, o que é que a gente faz, não pega na pistola, mas pronto, não nos resignamos mas pronto, ficamos às vezes, como imagino, ela, que a pessoa às vezes chega à noite... é por isso que o mundo académico... estar a aliar-se a esta causa é muito importante porque eu vi quando foram falados os números na Gulbenkian e alguns estudos e a gente dá uma risada, e o Dr. Rui Pena Pires e outros, isto é, não se

pode estar a fazer afirmações e por isso... o senhor depois ouve, “Os do leste não sei onde não ficam mas...(Padre)

(mudança de lado)

Façam certas coisas como às vezes também... às vezes não, com algum branqueamento político passam coisas, que eu tenha reparado, e depois nós estando no terreno não conseguimos já mais mudar a opinião pública. Portugueses não querem mais imigrantes, não é, que é o que interessa para as cotas, interessa para as cotas. Você viu a (nome da senhora) diz a questão e que com razão é uma académica e é cidadã e está farta disto. Quer dizer, portanto, aqui de facto eu vim cá com muito gosto. O mundo académico, notamos, um aliar-se a estas causas, é muito importante. Tem é que ser estudos sérios... esta questão, “Através de quem é que vamos ao indivíduo...” e esta resistência que encontram, portanto, é de facto trabalhá-la bem e fazer este estudo, porque a justiça é uma área impeditiva para nós em certos casos, dando dignidade às pessoas. Se há uma injustiça nós não conseguimos repará-la. Este indivíduo vai arranjar um novo emprego e ficará para sempre com sete ordenados sem receber. Ficaré para sempre. Trabalhou sete meses e não viu um tostão e não viu um tostão. Isto aqui é injusto, isto aqui... não viu um tostão, “Pronto, é assim... tenha paciência. Mas agora tem um trabalho, não tem? Agora tem. Então, pense no presente” (risos) quase sete meses andou a trabalhar nas obras... (Padre)

Mas nesse caso, que estava a falar, da senhora que foi apresentar ao SEF uma informação importante. O que é que falhou? O SEF não tem pessoal? Não existe legislação... (APD)

Não foi protegida a senhora. Porque os empregadores descobriram a fonte de quem é que os levou até... (Padre)

O próprio SEF... houve uma ruptura de informação da parte do SEF. (APD)

Fiscalização... (Padre)

Basta calcular quem é que fez. (RF)

Pronto... (Padre)

Até porque a pessoa às vezes está um pouco....(RF)

Mas a insegurança... quer do ponto académico... (Padre)

Com certeza, mas isso não há.... (APD)

Mas quer dizer, esta pessoa não se mete noutra. Ela disse-me... (Padre)

O que eu queria perceber era se... (APD)

As forças, digamos, do mal, que a maioria (risos) não é, o Bush? As forças do mal, não é, portanto, tiveram mais (incompreensão) (Padre)

O que às vezes acontece é que a pessoa em causa... (RF)

E é um aliado (incompreensão), está a ver? Um aliado (incompreensão) ... (Padre)

Com certeza. (APD)

Só que a pessoa em causa e no princípio também era um bocado assim. Quando tive o primeiro caso do patrão que não pagava à sete meses e não sei quê, a minha vontade era falar com o patrão e dizer-lhe e insultá-lo e não sei quê. Depois, pensei, bem, era melhor ponderar porque o patrão está realmente a ser investigado noutros processos. Mas, dá vontade de uma pessoa, dá vontade de uma pessoa espernear. Mas depois quando vê que isto é todo tão complicado... (RF)

É melhor ponderar? (APD)

É melhor ponderar melhor. Porque no início, quando estamos perante uma pessoa tão traumatizada e tão angustiada, realmente enchemo-nos de força e dá-nos, “E vamos já...”, mas depois aprendemos, temos que ir aprendendo que de facto... Foi importante,

porque o patrão foi apanhado, mas de qualquer modos aquilo que ela passou não justificava, se calhar, isto, porque a nossa justiça em Portugal, tem falhas. Porque é lenta e porque não há protecção de testemunhas, porque há... basta ver ao nível da fiscalização, quantas e quantas empresas prevaricadoras eram avisadas, “Vai aí a Inspeção Geral de Trabalho”. E a denúncia era dentro da Inspeção Geral de Trabalho. O SEF, quando há uma investigação do SEF há sempre uma denúncia. Eles agora já prepararam equipas que não sabem para onde é que vão. Só o cabeça da equipa que vai fiscalizar é que sabe. E mete os colegas no carro e eles não sabem para onde é que vão e tira-lhes os telemóveis. Já me têm dito que agora é assim que actuam. Porque não percebem qual é o que diz, mas há um que diz. E ou por SMN ou por não sei quê avisa que vão lá. Portanto, agora tem pessoas de máximo de confiança, com vários anos de SEF que estão a actuar neste tipo de brigadas assim. Não sabe para onde se vai, os próprios inspectores não sabem... só o chefe da equipa (incompreensão) que é para não haver tempo de avisar. Mas mesmo assim chegam lá. E às vezes, em quanto estão na sala, estão a avisar do outro lado. Aquilo é muito complicado. Mesmo quem trabalha na área da justiça sente muita incapacidade, quanto mais nós que estamos independentes na nossa área... (RF)

Claro. (APD)

Mas que estamos a conviver com os dramas todos os dias. É complicado. (RF)

Gostei imenso da vossa contribuição. (APD)

Obrigado. (RF)

Foi excelente. (APD)

O que precisarem. (RF)

Nós vamos, com certeza, dar-vos informações dos nossos resultados, embora...(APD)

... Ou se há alguns estudos já feitos sobre imigração, nós temos sempre informação.
(Padre)

Nós depois... depois ... (APD)

Nós temos umas coisas que são os papers, mas não é vosso, é do SOCINOVA
(incompreensão) aqui não é SOCINOVA?

Não, não. (APD)

Se tiverem coisas, mantenham-nos informados. Também nos ajuda e sobretudo...
(Padre)

Não esperem para breve porque a gente... este trabalho demora mais ano e meio pelo menos. Mas a partir de determinada altura, com certeza que esperemos que a gente consiga produzir. (APD)